

TALTÍBIO, O ARAUTO DOS AQUEUS NA VERSÃO DE EURÍPIDES

TALTIBIUS, THE ACHAEAN HERALD IN EURIPIDES' VERSION

MARIA DE FÁTIMA SILVA

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
fanp13@gmail.com

Artigo recebido a 12-05-2016 e aprovado a 08-09-2016

Resumo

Ainda que possa ser considerado uma figura menor, o Taltíbio de *Hécuba* e *Troianas* de Eurípides tem uma intervenção crescente na estrutura das peças. Além de lhe ser atribuído um perfil cuidado, o poeta parece fazer com esta figura uma experiência: ora a põe em diálogo consigo própria, porque o Taltíbio de *Hécuba* tem uma personalidade contrária do de *Troianas*, ora faz dele o contraponto de heróis tradicionais, particularmente de Ulisses.

Palavras-chave: sacrifício humano, guerra, cativas, arauto, mensageiro.

Abstract

Even if considered a minor figure, Taltibius has, in Euripides' *Hecuba* and *Trojan Women*, an increasing intervention. Beside giving him a sophisticated profile, the poet seems to experiment the potentialities of this personality: or he puts him in dialogue with himself, because Taltibius in *Hecuba* has an opposite character in relation to that of *Trojan Women*, or he puts him in connection with traditional heroes, namely Odysseus.

Keywords: human sacrifice, war, captives, herald, messenger.

Taltíbio, o arauto dos Aqueus, corporiza, em *Hécuba* e *Troianas* de Eurípides, um papel convencional conhecido desde Homero, o de κήρυξ, “o arauto”. Bailly *s. u.* sintetiza o percurso deste tipo de figura; “conhecida desde tempos homéricos, esta personagem era de condição livre e muitas

vezes até de sangue real, encarregada do policiamento das assembleias, das festas, sacrifícios ou cerimónias religiosas”; por isso gozava de imunidade e mesmo da protecção de Zeus. Porque actuava sobretudo em tempos de guerra, tanto mais importante era esse estatuto de imunidade. Mais tarde, o arauto, embora tendo perdido a qualidade aristocrática de outrora, manteve as mesmas funções, articulado com os embaixadores. Passou a agir sobretudo nas assembleias públicas, onde procedia a proclamações, leitura de decretos e garantia a boa ordem. Estes são traços de identidade e tradição em que Eurípides se baseia para o desenho da sua personagem.

A identidade que Eurípides confere a Taltíbio não é, no conjunto dos dois tratamentos a que a sujeita, estabelecida com clareza – não lhe conhecemos os ascendentes -, mas de qualquer modo insinuada, contribuindo para que o paralelo que se estabelece com outras figuras seja um poderoso factor de caracterização. Taltíbio pode transformar-se num simples servo, um homem modesto e subordinado a vontades mais poderosas, e, nesse caso, o paralelo de atitudes é o que confronta um homem humilde com os heróis de antanho – os seus senhores; a vantagem, no que se refere a valores e sentimentos, assiste, então, à condição modesta, no poeta que criou também o Lavrador, marido de Electra (*Electra*), ou o Velho servo de Agamémnon e seu interlocutor em Áulide (*Ifigénia em Áulide*); pode ter idade e retirar da velhice uma ponderação rara no grupo a que pertence; pode, pelo contrário, ser o frio executor de decisões impiedosas, que mesmo assim partilha e que de certa forma aplaude; pode, por fim, ser sobretudo o portador de notícias, confundindo-se com o mensageiro, o que justifica que a designação de κῆρυξ possa alternar com a de ἄγγελος, sublinhando certamente o carácter específico da sua missão do momento. É-nos patente, no entanto, que goza de uma certa autoridade. Além de porta-voz das ordens dos Aqueus, ele é também o garante do seu cumprimento; pode até comparecer acompanhado de um corpo de guarda, a quem vai transmitindo ordens para a execução do seu mandato. Significativo ainda é o facto de, como adiante defenderemos, Eurípides o ter usado como réplica de outras personagens, essas sim claramente aristocráticas, como é o caso de Ulisses em *Hécuba*. Sobre todas estas possibilidades de leitura, um aspecto não deixa de merecer relevo: Taltíbio é, em Eurípides, muito mais do que um tipo, é uma verdadeira personagem, com músculo e consistência humana.

Em ambas as peças que nos propomos analisar, o arauto actua em contexto de guerra. A sua missão desempenha-se na interlocução entre os

dois lados do conflito, os vencedores, com as suas ordens num momento que é já de pós-guerra, e os vencidos, a quem um destino atroz se vai pouco a pouco revelando. E porque de pós-guerra se trata, do lado dos vencidos, mortos os combatentes, os interlocutores possíveis são mulheres, as cativas, que através do arauto vão conhecendo as disposições do inimigo. Um enquadramento parece até ter particular relevância no retrato, o do sacrifício humano, a exigência da vida de alguém que, por razões diversas, é transmitida às vítimas desprotegidas da guerra. É, portanto, em contexto extremo que o arauto trágico é levado a agir.

O que está em causa – decidir da sorte de criaturas indefesas – e a própria exaltação emotiva que a situação e a natureza dos seus agentes impõe, convida a um desenho do arauto que está muito longe de ser o mero executor de mensagens ou de funções de cariz público. Taltíbio tem sentimentos, acrescenta às mensagens que transmite a sua sensibilidade pessoal, solidária ou, pelo contrário, fria e egoísta, mas é de facto uma verdadeira personagem. E, mesmo se goza da incontornável imunidade no desempenho das suas funções, não é isento de críticas vigorosas contra essa raça, que a opinião pública parecia ter na conta de indiferente à dor, cruel ou pelo menos demasiado burocrática no seu desempenho.

1. O papel do arauto em *Hécuba*

Taltíbio é personagem em *Hécuba*, e a função que desempenha parece oscilar entre a de um κήρυξ e a de um ἄγγελος¹. É verdade que vem encarregado de transmitir ordens e de promover a sua execução, mas não sem que, através de uma longa *rhexis*, acumule, com essa missão, a função de um mensageiro que relata acontecimentos relevantes ocorridos longe da vista do espectador. A condição e idade de Taltíbio são, no contexto da peça, importantes e por isso Eurípides tem o cuidado de discretamente as definir: o próprio se apresenta a Hécuba como “um subordinado” (ὕπηρέτης, 503) dos Dânaos, que cumpre ordens de Agamémnon, portanto de condição humilde; e adiante, no tratamento que lhe é dado pela mulher de Príamo – γέρον, 516 -, ou na referência que ele faz a si mesmo – γέρων μὲν εἰμ’, 497 - vai patente a idade, que de certa forma justifica a emotividade e humanidade que lhe são características, além de uma compreensão cúmplice perante

¹ Heródoto 7. 9. β. 2 estabelece também uma diferença entre κήρυκες e ἄγγελοι, uns e outros transmissores de decisões e de informações, no caso entre cidades gregas.

uma mulher, igualmente idosa, que a sorte não poupou². Com estas duas observações breves, Eurípides valoriza dois traços idiossincráticos na figura que se propõe criar.

Ao espectador atento não escapará despercebida a evidência de que, com iguais funções – a de transmitir as decisões dos Aqueus, recentemente reunidos em assembleia, ou as consequências dessas mesmas decisões –, existe na peça mais do que uma personagem; antes da vinda de Taltíbio, já no rescaldo de acontecimentos centrais para a acção da tragédia – o sacrifício de Políxena –, um outro ‘arauto’ – Ulisses desta vez - se desempenhara de função equivalente, no momento em que se tratava de transmitir à vítima e seus familiares a disposição tomada pelos vencedores – a de sacrificar a filha de Hécuba à reivindicação do fantasma de Aquiles. Assim, embora a personagem Ulisses não tenha por rótulo a menção de um κῆρυξ, o desenho que dele é feito coincide, em vários momentos, com o de Taltíbio; este paralelismo contribui, em simultâneo, para a comparação, em circunstâncias semelhantes, de um nobre sem alma com um plebeu verdadeiramente filantropo.

A estratégia que Eurípides usa na entrada de cada uma destas duas personagens é diversa, Ulisses anunciado, Taltíbio sem qualquer aviso prévio, um fazendo-se porta-voz de terríveis notícias que já são vagamente conhecidas (194-196), outro de novidades não previstas. O coro que informara Hécuba da assembleia realizada no acampamento aqueu é o mesmo que prevê a vinda iminente de Ulisses para transmitir e executar as decisões tomadas (141); supõem as mulheres que não hesitará em usar de violência (142-143), para responder a qualquer tentativa de reacção que Hécuba possa ensaiar para proteger a filha nos seus braços. E as palavras que usam para lhe referir a vinda são as que convêm ao anúncio da chegada de um mensageiro (“Ei-lo que chega, Hécuba, Ulisses, em passo apressado, para te trazer qualquer notícia”, 216-217).

² É intencional que Eurípides os faça dizer, em relação à circunstância da idade em que se encontram, palavras que são uma réplica clara; Hécuba, diante da ameaça que a presença de Ulisses representa para a sua sorte, e consciente da incapacidade de lhe fazer frente com eficácia, lamenta (231-233): “Eu não morri quando devia morrer; em vez de me levar, Zeus poupou-me a vida para ver outros males ultrapassarem os meus males, pobre de mim!”; enquanto Taltíbio, perante a aniquilação paradigmática de Hécuba, a quem ele traz a notícia desses males que ultrapassam os de outrora, antes os da perda da pátria, agora os da perda da filha, se faz eco involuntário das palavras anteriores da sua interlocutora (497-498): “Ai, ai! Bem velho sou eu, mas oxalá morresse antes de cair numa sorte assim indigna”.

Ulisses desilude as piores expectativas do coro; escuda-se numa frieza diplomática, bem a carácter com o seu tradicional cinismo, tal como a tragédia o retratou. Oculta-se por trás de uma decisão democrática dos Aqueus, como se nela não tivesse tido um papel relevante; afirma que é delegado dos seus (“Foi a mim que encarregaram de ser o emissário e de escoltar a jovem”, 222-223), colocando-se defensivamente ao nível de um mero emissário ou subalterno³ e omitindo o efeito que a sua intervenção na assembleia teve na decisão então tomada (130-139), desempatando com argumentos decisivos uma querela que tendia à repartição equilibrada dos votos. Não ousa qualquer acto de violência activa, procura antes que a sua vítima, Hécuba antes de mais, ceda e se entregue sem resistência, porque consciente da condição desvantajosa em que se encontra; é essa, no entender do senhor de Ítaca, a verdadeira sensatez, aquela que dá provas sobretudo em tempos de adversidade (“É sábio, mesmo na infelicidade, dar mostras de prudência”, σοφόν τοι κὰν κακοῖς ἂ δει φρονεῖν, 228). Mas nem violência, nem resignação vêm a ser necessárias, porque já a nova vítima, Políxena desta vez, se entrega, de livre vontade, ao sacrifício.

Em contrapartida, o facto de algum rumor ter já, antes da chegada de Ulisses, levantado o véu que encobre acontecimentos iminentes, mobiliza Hécuba, que se perfila para enfrentar o adversário poderoso que é o senhor de Ítaca (229-237); assim se anuncia o primeiro *agôn* em que a velha cativa terá de fazer valer os seus argumentos. O momento impõe, portanto, a Hécuba um estado de espírito reactivo, na medida em que ainda é possível um esforço para tentar barrar a mais temível das decisões, a que a priva da filha.

Por outro lado, a abordagem de Taltíbio perante a mesma Hécuba assenta noutros pressupostos, que acompanham o evoluir dos acontecimentos; agora que tudo está perdido, com a condenação sem apelo de Políxena - que, de resto, associara à vontade do carrasco a sua própria decisão de morrer -, a entrada inopinada do arauto colhe Hécuba em total prostração, indefesa e inerte diante do novo horror que a não poupa (486-487). Espontaneamente Taltíbio, confrontado com a visão da decadência extrema de que a antiga senhora de Tróia é paradigma, não reprime considerações impressionadas sobre a exposição da vida humana aos caprichos de τύχη ou ao arbítrio divino (488-496). Ei-lo capaz de um gesto de simpatia (ajudando a velha

³ Os termos com que justifica a sua vinda (222-223) não diferem dos que Taltíbio irá usar para justificar também a sua presença (509-510).

mulher a levantar-se, 499-500) e de uma reflexão humana, atenta à investida imprevisível da fortuna, que além de impiedosa, não poupa ninguém; na sorte de Hécuba vê o velho arauto a imagem de um sofrimento de que ele mesmo se não sente imune. Ulisses, por contraste, ele que conhecia a anterior pujança de Tróia não por ter dela ouvido algum relato, mas por a ter experimentado pessoalmente (239), é incapaz de uma reflexão comparativa ou da generalização de um modelo. Então, o espia em perigo que era Ulisses tocou, em súplica, os vestidos faustosos da rainha (246), os mesmos que, agora em farrapos, cobrem o corpo da cativa (487). Mas nem a imagem flagrante que deforma os mesmos traços, para que exprimam sucesso ou derrota, lhe salta aos olhos. Esta é uma σοφία ausente do espírito e do discurso de Ulisses, que, no entanto, recomenda, na desgraça, essa ponderação à adversária; do seu espírito está ausente uma verdade que Eurípides não se cansa de proclamar: ai dos vencidos e dos vencedores!

Perante este desconhecido, que não espera nem identifica, mas que, apesar de se dizer servo dos Dânaos, lhe estende uma mão compreensiva, Hécuba reage com simpatia (ὦ φίλτατ', 505), errando a previsão da sua mensagem: ele não vem para a levar para a morte, ao lado de Políxena – como ela imagina e deseja, 505-507 -; vem simplesmente para lhe anunciar que o sacrifício previsto se consumou e que dela se espera que sepulte a vítima. As palavras por que Hécuba se exprime contribuem para acentuar a simetria entre os dois momentos, o que a confrontou com Ulisses e agora com Taltíbio; ela assim os interpreta, como uma réplica um do outro, tal como o público é convidado a fazer. Onde antes Ulisses tinha dito (220-221): “Entenderam os Aqueus que a tua filha Políxena seria degolada no altar erguido sobre o túmulo de Aquiles” (Ἔδοξ' Ἀχαιοῖς παῖδα σὴν Πολυξένην σφάζει πρὸς ὀρθὸν χῶμ' Ἀχιλλεΐου τάφου), reitera agora Hécuba (505-506): “Caro amigo, é para me degolar a mim também sobre o túmulo, por decisão dos Aqueus, que vieste?” (ὦ φίλτατ', ἄρα κάμ' ἐπισφάζει τάφῳ δοκοῦν Ἀχαιοῖς ἦλθε;). Não resta dúvida, portanto, de que Ulisses se antecipava a Taltíbio no mesmo papel de arauto dos Aqueus (cf. 509-510).

Apesar de todas as semelhanças, uma diferença avulta e essa gritante: o tom com que as mensagens são transmitidas pelos dois emissários dos Aqueus. Ao cinismo frio de Ulisses, que se escuda em argumentos falaciosos, num torneio de palavras, para evitar a reclamação de Hécuba em nome dos valores – de *xenia*, de *charis*, de *dike*, de *hiketeia* -, Taltíbio substitui lágrimas de uma solidariedade sincera, que a piedade lhe dita, para com a destinatária sofrida da sua mensagem, Hécuba, e para com Políxena, a vítima

cujos últimos momentos vem relatar (518-520)⁴. A expectativa que o coro traduzira, depois que, perante Ulisses, Hécuba tinha feito uma súplica – de que, perante tal dor, nenhum ser humano deixaria de se impressionar: “não existe um ser humano de alma tão empedernida que seja capaz de ouvir os teus soluços e longos prantos doridos sem derramar uma lágrima”, 296-298 – denuncia, por antecipação, a frieza de Ulisses; ao mesmo tempo parece preparar a reação de Taltíbio, a quem não falta humanidade.

Ao *agôn* substitui-se também a *rhesis*, um relato pormenorizado que, em vez de uma luta de palavras, dá lugar à expressão de uma solidariedade sentida. Esta é uma narrativa centrada na vítima de um ritual, numa Políxena que a todos, desde o mais humilde dos soldados aquartelados na Trácia, surpreendeu pela sua nobreza de alma e imensa dignidade. Além dela, que centra o quadro, Neoptólemo tem um papel a desempenhar – o de sacrificador, 523-524, 527-529, 534-541 – e Agamémnon, com uma intervenção discreta, o daquele que dá ordem para que não agrilhoem a vítima (553-554). São eles, em diferentes proporções, os agentes do quadro. Mas Taltíbio reserva também um papel a si próprio, que vai pouco a pouco pontuando; o seu testemunho é fidedigno porque próximo de cada momento crucial; como arauto, ele participa de um primeiro plano da acção; ao mesmo tempo que a omissão do nome de Ulisses é, neste momento, gritante; o senhor de Ítaca some-se nessa hora derradeira, a sua presença dilui-se na massa e no silêncio.

Quando Neoptólemo conduz Políxena ao altar do sacrifício, Taltíbio pode acrescentar “eu estava ali bem perto” (524); a um sinal do filho de Aquiles, coube-lhe “pedir silêncio a todo o exército dos Aqueus” (529-530); em discurso directo, agora perante Hécuba, o arauto pronuncia de novo a fórmula ritual para registar o efeito que ela teve sobre a multidão; é certo que está a ser cumprida uma função convencional ou profissional do arauto,

⁴ Segal 1990: 114, embora reconhecendo a simpatia que Taltíbio manifesta para com Hécuba e Políxena, considera que essa simpatia não deixa de ser, mesmo assim, falsa, porque “o seu relato sugere uma interpretação do sacrifício humano que lhe elide a brutalidade”. A dignidade da vítima, em que Taltíbio põe a sua nota dominante, não basta para escamotear o verdadeiro sentido da cena. No entanto, a generalidade dos críticos é unânime em afirmar que este constitui um momento de pausa e de beleza no meio de tanto sofrimento. Michélini 1987: 136 escreve a propósito: “esta cena é cheia de um grande *pathos*, mas ainda assim contém as únicas boas notícias que alguém trará a Hécuba. De certa forma a tensão abranda quando ouvimos os pormenores de um acontecimento já conhecido e esperado”. Estes comentários, na sua disparidade interpretativa, são exemplo da grande controvérsia gerada na leitura das duas versões de Taltíbio em Eurípides; cf. ainda Adkins 1966; Donzelli 2001.

mas Eurípides dá a esse papel espessura emotiva, porque há sentimento por trás da missão convencional, há empatia sincera com a superioridade moral que uma vítima tão jovem foi capaz de despertar em todos os que assistiram à entrega da sua vida em nome da liberdade.

Também agora perante uma mãe enlutada, muito mais do que um simples narrador objectivo, Taltíbio exprime sentimentos e dialoga, emocionalmente, com a destinatária da sua mensagem (580-582): “Ao relatar estes pormenores sobre a morte da tua filha, vejo em ti a mais feliz das mães e a mais desgraçada das mulheres (τοιιάδ’ ἀμφὶ σῆς λέγων/ παιδὸς θανούσης, εὐτεκνωτάτην τέ σε πασῶν γυναικῶν δυστυχεστάτην θ’ ὀρῶ)”. Sem dúvida que Taltíbio é o intérprete da reacção de Hécuba, uma mulher atingida no mais fundo da sua condição, a maternidade; mas, de modo mais subtil, é também alguém que encontra, no mais denso sofrimento, uma tábua de salvação onde uma mãe recentemente enlutada pela perda de um filho se pode refugiar: o orgulho de ter sido mãe de um tal ser humano. A própria Hécuba reconhece esse efeito refrigerador das palavras de Taltíbio; em palavras dirigidas à memória de Políxena, ela tempera os inevitáveis gemidos com ‘o prazer’ do orgulho (591-592): “e no entanto o relato (ἀγγελθεῖσα) da tua valentia poupou-me a um excesso de dor”. É este o momento em que a velha mulher envereda pela reflexão sobre a nobreza de sentimentos ou de atitudes na sua relação com dois factores, natureza e educação (592-599), como se as palavras do arauto a tivessem feito elevar o pensamento das trevas, pessoais e imediatas, para uma reflexão superior e universalista⁵.

O Taltíbio de *Hécuba* é, portanto, alguém que, no mundo conturbado do pós-guerra, mantém ilesa uma compreensão humana que faz dele, um homem simples, uma alma que pode competir, em nobreza, com a de qualquer aristocrata. Isso mesmo não deixa Eurípides de o exemplificar

⁵ Sobre as consequências que este motivo tem para a interpretação da peça, *vide* Michelini 1987: 135-142. De resto a questão *physis versus paideia* tornou-se um tema central no pensamento filosófico da época. Clarifica Michelini 1987: 141: “Os sistemas sofisticos de educação desafiaram duplamente os valores tradicionais baseados na *physis*, primeiro sugerindo que uma arte que pode ser aprendida era apropriada a um aristocrata, e depois pela sua assumpção de que o poder não estava nas mãos de um *agathos* por si mesmo, mas derivava daqueles que ele tinha de persuadir”. Ora, com base neste princípio, a actuação de Políxena e de Hécuba na peça tornam-se contraditórias: Políxena parece exemplificar, com a sua morte, que uma *physis* aristocrática ultrapassa todos os reveses, enquanto Hécuba provará o contrário, a insegurança da *physis* e a sua fluidez de acordo com as circunstâncias.

com o paralelo que nos convida a estabelecer com Ulisses, por sua vez protótipo da *secura* de alma e do pragmatismo que se foi apoderando da sociedade ateniense do séc. V a. C.

2. Um outro Taltíbio, o de *Troianas*

Em *Troianas*, a intervenção do arauto tem uma dimensão ampliada; não se limita, como na peça que antes consideramos, a uma única entrada para pronunciar uma *rhexis* descritiva de tudo o que entretanto se passou: a consumação do sacrifício de Políxena. Na preparação desse homicídio, os seus autores estavam em cena representados por Ulisses, de resto aquele dos Aqueus que garantiu o voto pela execução. Desta vez, a autoridade aqueia está ausente, ainda que seja perceptível, à distância, a sua tomada de decisões. De forma expressiva, a sua voz é veiculada por um homem humilde, que antes de mais, como expressamente dito na peça (*vide infra*), irá funcionar de ‘lacaio’ dos seus chefes. É ele o único canal de transmissão entre as duas partes, vencedores e vencidos. De certa forma é dele que depende o ritmo da acção, pois cada uma das suas entradas representa outras tantas etapas no desenrolar dos acontecimentos. Sem, no entanto, que Taltíbio seja simplesmente uma voz invertebrada, apenas o executor anónimo dos ditames do poder. Bem pelo contrário, Eurípides faz do arauto uma verdadeira personagem, dependendo do seu carácter e comportamento, não o que fazer, mas o como proceder à execução de Tróia e das suas gentes.

Tal como, em *Hécuba* 216-217, era feito o anúncio da chegada de Ulisses, o corifeu anuncia desta vez a entrada de Taltíbio em palavras semelhantes (230-232): “Eis justamente o arauto do exército dos Dânaos; portador de notícias, ele vem, em passo rápido, desempenhar a sua missão” (καὶ μὴν Δαναῶν ὄδ’ ἀπὸ στρατιᾶς κῆρυξ, νεοχμῶν μύθων ταμίας, στείχει ταχύπουν ἴχνος ἔξανύων). É muito enfática a apresentação de quem chega, “o arauto” colocado no verso em *enjambement*. Não há dúvida de que o anúncio e o modelo de entrada obedecem a uma convenção; mas talvez uma remissão para o Ulisses de *Hécuba* não fosse de todo impossível de reconhecer, num contexto onde a sorte infeliz das cativas, terminado o combate junto a Tróia, continua essencial. O factor expectativa tempera agora o quadro; a curiosidade de todas as mulheres foca-se no recém-chegado, de quem virá a informação sobre o destino que ainda desconhecem. Por isso multiplicam, por antecipação, as interrogativas, numa mostra de irreprimível ansiedade (233).

Embora o que esteja em causa neste momento envolva o destino de várias mulheres, é ainda a Hécuba que Taltíbio se dirige (235-237), naturalmente respeitando o estatuto e a dignidade da que foi a rainha de Tróia; mas a verdade é que o diálogo entre a rainha e Taltíbio se repete, do ponto de vista dramático, agora em linhas muito diversas das que acabamos de avaliar em *Hécuba*. Torna-se claro que Eurípides se propõe voltar ao mesmo material, mítico e dramático, para o sujeitar a um exercício de remodelação e para lhe atribuir novo sentido; não deixa, por isso, de sugerir ao seu público o reconhecimento da flexibilidade hermenêutica que o talento poético pode manipular.

Cabe, à própria figura, contribuir para o desenho do seu perfil; em primeiro lugar, como que polindo a apresentação que o coro fizera do homem apressado que se aproximava como de um “arauto”, Taltíbio define o tipo de missão que é chamado a desempenhar em termos diversos: recorda, em primeiro lugar, o antigo conhecimento que tem com Hécuba, pelas muitas vezes em que, como “arauto do exército aqueu” (κῆρυκ’ ἐξ Ἀχαικοῦ στρατοῦ, 236), se deslocou a Tróia. Em contexto diferente do que Ulisses recordava em *Hécuba* (*vide supra*), da sua situação de espia e suplicante diante da rainha de Ílion, também Taltíbio faz aqui questão de reivindicar um certo conhecimento ou proximidade ‘mais pessoal’ com a sua interlocutora do momento. Mas tal como Ulisses, também ele não tem uma palavra de reparo ou de comiseração perante a réplica sofrida que Hécuba é agora da sua imagem de antigamente. O que significa que, com o papel dado a Ulisses em *Hécuba*, este outro Taltíbio, por contraste com o arauto seu antecessor, não serve de contraponto, mas se oferece em paralelo. Por outro lado, da sua vinda ao encontro da rainha neste momento, Taltíbio anuncia-se como “mensageiro”⁶, de notícias oficiais (ἦκω κοινὸν ἀγγέλλων λόγον, 238); o que dele esperamos, portanto, parece ser um relato minucioso de ordens; viremos a saber, mais adiante (*vide infra*), ainda por reflexões do próprio Taltíbio, que se trata de um homem de condição modesta, de um servo que não pode ombrear em estatuto com os heróis troianos.

Como perante a chegada de Ulisses na peça anterior, Hécuba reconhece no seu interlocutor não o amigo, apesar da menção dos contactos de outrora, mas a própria encarnação do “medo” (τόδε, φίλοι Τρωάδες, ὁ φόβος ἦν πάλαι, 239) que de há muito a afligia. Pelo estado de espírito que

⁶ Dyson e Lee 2000: 141 sublinham como esta é a única peça de Eurípides que não tem um discurso de mensageiro.

assim se estabelece, a esticomítia, que Eurípides dominava com mestria, serve melhor à expressão do que está em causa no momento; não se trata de dar voz a um mensageiro, para debitar a sua habitual *rhexis*, mas sim de fazer do mensageiro um interlocutor ‘interventivo’ num diálogo forte que empenhará, da parte de Hécuba, uma grande carga emocional. Em alternância com a sua angústia, Taltíbio responde com frieza e um laconismo distante sobre quais foram os resultados de um sorteio que decide do rumo de muitas vidas⁷. Escuda-se na reserva burocrática, como antes Ulisses o fizera também; não participa propriamente num *agôn*, porque para isso não está credenciado, mas serve de contraponto, por delegação dos seus, para a emotividade das cativas. À avalanche de perguntas – de novo a expressão de muita angústia – com que Hécuba o ataca, ele propõe-se responder com ordem, com uma disciplina de discurso e raciocínio que não cabe em momento tão extremo (246).

Obedecendo ao mesmo modelo com que toda a peça é concebida, de uma galeria de figuras a caminho de destinos variados que só mesmo a infelicidade aproxima, o diálogo entre a rainha e o mensageiro vai-se focando sucessivamente sobre as mulheres da corte troiana. Cassandra vem em primeiro lugar (248-259) nas preocupações de Hécuba, e a informação que sobre ela Taltíbio pode fornecer tem por protagonista Agamémnon, a quem o sorteio atribuiu a profetisa: com ela o Atrida irá manter uma relação secreta (252), porque os encantos da jovem o seduziram (255); para concluir com a sorte que representa para uma mulher ser a favorita de um rei (259). Taltíbio coloca-se numa perspectiva masculina e grega, sem compreensão nem piedade pelas suas interlocutoras, mulheres e bárbaras. É claro que, além de emissário, ele partilha da intimidade dos seus senhores e lhes conhece as intrigas pessoais. Face aos objectivos que representa é totalmente amoral na avaliação das situações, guia-se por interesses elementares, longe de sentimentos ou valores.

Mais significativo, pela interlocução que estabelece com a acção de *Hécuba*, é o caso de Políxena (260-270). Na “filha que outrora vocês me levaram” sobre a qual a rainha o interroga a seguir (260), Taltíbio reconhece

⁷ Dyson e Lee 2000: 152 tendem a defender a posição contrária, a de que também este Taltíbio manifesta alguma compreensão, ou porque de facto a sinta, ou simplesmente para refrear reacções mais intempestivas e assim facilitar a execução da missão de que vem incumbido. Em abono desta tese, sublinham “uma combinação de espírito prático com humanidade evidenciados adiante em relação a Andrómaca e ao funeral de Astíanax”.

a virgem já neste momento sacrificada a Aquiles⁸. Mas ao contrário da personagem que usa o seu nome na peça anterior, ele cala toda e qualquer referência directa ao ritual; refugia-se em evasivas, procurando instintivamente escapar a confrontar-se com um acto em que não encontra qualquer elevação; de resto Eurípides, talvez por não ter querido insistir num episódio já antes por si amplamente tratado, despoja-o de quaisquer efeitos e deixa-o circunscrito a um mero homicídio que se conta entre as inexplicáveis atrocidades da guerra. Aos comentários de Taltíbio sobre cinismo, no tom como oculta, em frases ambíguas, o destino miserável da princesa: “é ao serviço do túmulo de Aquiles que foi atribuída” (264), “felicitas a tua filha que está bem” (268), “a sorte que lhe coube põe-na ao abrigo dos males” (270). Pela frieza de que dá mostras, Taltíbio não traz desta vez a Hécuba nenhuma consolação ou escape, apenas carrega as sombras que a afligem.

Abreviadas as informações sobre a sorte que espera Andrómaca e a própria Hécuba, Taltíbio, acossado pelos lamentos e decerto para fugir deles, passa à acção e dá ordens à escolta que o acompanha, para que execute a missão que o sorteio definiu (294-297). Esta capacidade de agir, e não apenas de ser o transmissor de determinações superiores, faz dele uma espécie de voz de chefia, projectando em cena a autoridade aqueia. Em consequência, a sua actuação torna-o de certa forma mais responsável; não só o executor invertebrado, uma espécie de ventríloquo, mas alguém que partilha, por convicção, das disposições de que é portador. A pressa (ὄσον τάχιστα, 295) faz parte deste jogo de dissimulação, que esconde atrocidades sob uma capa de eficácia e de disciplina.

Acontecimentos imprevistos vão ter o condão de romper com este vazio emocional que parece afectar o novo Taltíbio. Afinal ele tem sentimentos: desde logo de medo de enfrentar os seus chefes, se as ordens dadas não

⁸ Dyson e Lee 2000: 148 chamam a atenção para a ambiguidade das palavras usadas pelos dois interlocutores; enquanto Hécuba forma, sobre Políxena, uma pergunta com o verbo ἔλευξεν (263), admitindo que a jovem tenha sido entregue, como favorita, a alguém, do mesmo modo que Cassandra, Taltíbio responde com um τέτακται, “foi atribuída”, como serve, ao túmulo de Aquiles. Nesta perspectiva Políxena teria escapado ao sorteio e, de alguma forma, tido a distinção de ‘ser atribuída, escolhida’ para uma tarefa específica. Nesta simulação, os dois autores querem ver um pouco de humanidade da parte do arauto. O uso de φίλος (267) que Hécuba lhe aplica pode dar dessa compreensão humana algum reconhecimento. Mas se pensarmos que o que possa parecer, na boca do arauto, algum desejo de tranquilizar Hécuba quanto à sorte de Políxena esbarra com a realidade – a princesa troiana já está morta e ele sabe-o -, a ironia subjacente a toda a cena torna-se indubitável.

tiverem sido bem cumpridas; é esse o receio que se instala quando sinais de fogo dentro das tendas das cativas o fazem temer o suicídio colectivo, perpetrado por mulheres que querem fugir à sua sorte (298-302)⁹. Não sem que um pensamento fugaz de compreensão lhe passe pelo espírito – “é natural que, em tal situação, o sentido de liberdade dificilmente se resigne à desgraça”, 302-303 -, mesmo assim um terrível egoísmo é o que finalmente prevalece (304-305): “Não quero que este desfecho, cómodo para elas, mas desagradável para os Aqueus, ainda me traga alguma responsabilização”. Este egoísmo próprio do braço armado da autoridade, que receia ter de assumir riscos pelo incumprimento das ordens que executa, coincide com a atitude do Guarda, na *Antígona* sofocliana, que, mesmo se não indiferente à valentia da filha de Édipo, respira de alívio por poder entregar a responsável de uma infração e com isso salvar a própria pele.

Mas afinal a situação, em *Troianas*, é menos grave do que Taltíbio pensava; não se trata de um incêndio, mas de uma crise de delírio de Cassandra que já entra munida das tochas de um triste himeneu. A tradicional descrença que as profecias da princesa troiana merecem a quem as escuta repete-se também no caso de Taltíbio. Incapaz, pela mediocridade de um espírito mesquinho, de ir além das aparências, o arauto vê em Cassandra apenas uma louca e nas ameaças que profere contra os chefes aqueus um delírio inconsequente (408-410, 417-419); não tira, das palavras agoirentas da profetisa, qualquer receio para o desfecho da viagem de retorno e, no desejo de abreviar o processo, prefere desconhecê-las. Mesmo assim, parece que o contacto com o transcendente que envolve Cassandra o não deixou imune e o levou, involuntariamente, a uma reflexão sobre a condição humana. Eurípides antecipa, de certa forma, neste momento a comparação que virá a fazer, anos mais tarde, entre a condição de um aristocrata e a de um plebeu, em *Ifigénia em Áulide*; aí coloca as preocupações e responsabilidades do Atrida Agamémnon, na iminência de ter de matar a filha para garantir o desempenho de uma missão militar, a par da tranquilidade de um velho

⁹ Dyson, e Lee 2000: 153 recordam a disparidade de opiniões suscitada por este receio de Taltíbio, que implicaria uma noção do que é dignidade na forma como interpreta a reacção das mulheres. Mas não me parece que seja sobretudo esse o sentimento que domina, o de admiração por um rasgo de dignidade – do tipo daquela admiração que o Taltíbio de *Hécuba* manifestava pela atitude superior de Polixena. Também aqui há um conflito, mais próximo, sem dúvida da atitude do Guarda da *Antígona* sofocliana, entre o ‘registo’ – mais do que admiração – de uma possibilidade e, esse sim forte, o medo egoísta que ela desencadeia.

servo, isento, pela modéstia da sua condição, de tais imposições da fortuna¹⁰. Tal como o Velho de *Ifigénia em Aulide*, o Taltíbio de *Troianas* compara o estatuto aristocrático com a sua modéstia, mas dentro de uma visão mesquinha coincidente com as linhas de carácter que vem denunciando (411-412). O tom que adopta para com os que lhe são superiores, em ascendente e, dentro da peça, em autoridade, é de uma tremenda ironia; sob a subserviência até agora demonstrada, há rancor, que perante o espectáculo tresloucado de Cassandra vem ao de cima. Ao referir-se “à majestade e aparência de bom senso” (τὰ σεμνὰ καὶ δοκίμασιν σοφά”, 411) dos aristocratas, num tom que denuncia algum artificialismo, comporta-se como um céptico, como alguém descrente da verdadeira dignidade e que não vê, nos que são herdeiros de um nome distinto, mais do que arrogância e fingimento. A si mesmo, coloca-se no grupo dos “que nada têm” (412), utilizando por critério de dignidade o poder do dinheiro. A Agamémnon reserva comentários cáusticos, isentos de lealdade ou de afecto. Nele não vê o comandante que acaba de levar os seus homens a uma vitória, mas apenas o sujeito insensatamente apaixonado. Se lhe recorda os títulos – “o todo poderoso senhor de todos os Gregos”, ὁ μέγιστος τῶν Πανελλήνων ἄναξ, 413, “o caro filho de Atreu”, Ἀτρέως φίλος παῖς, 414 -, fá-lo para que o escândalo da sua imponderação amorosa seja mais flagrante – “perdeu-se de amores por esta louca”, 414-415, “essa bela noiva do nosso comandante”, 420. E aí vem a comparação consigo mesmo, um homem sem recursos, é certo, mas que nunca cometeria o desvario de se ligar a tal mulher (415-416).

Em toda a volta – agora que decidiu enveredar pela acção -, Taltíbio despede frechadas cruéis. Ao mesmo tempo que encaminha Cassandra para o seu senhor, deixa no ar uma ameaça a Hécuba, que a seguir virá buscar para outro destino cruel: o de se tornar “lacaia (λάτρις) de uma mulher séria”

¹⁰ Ζηλω, ‘invejo’, dito e repetido com sonoridade pelo soberano (*IA* 16-19), constitui, na personagem de um homem poderoso, um grito de frustração pela incapacidade de cumprir, em plenitude, um ideal que o passado consagrou como próprio de heróis. Desta forma, Eurípides inverte também, numa cena onde os tratamentos entre as personagens respeitam a hierarquia, a proporção esperada. Ser humano vulgar, sob as galas de uma tradição de aristocratas, o chefe que se chama ainda Agamémnon inveja os que são, no mundo que o cerca, as criaturas comuns, a quem a desqualificação social, a idade ou mesmo o sexo concedem uma tranquilidade feliz. Essa ventura explicita-a o general pela negativa de tudo o que constrói o valor superior da glória e alicerça a ambição que o anima. Ἀκίνδυνον, ἀγνώς, ἀκλέης (*IA* 17-18), são definições devidas, na sociedade democrática, ao ιδιώτης, aquele cuja existência desconhece as etapas que constituem o percurso da distinção. Eurípides repete o elogio de βίος ἀκίνδυνος em *Hipp.* 1013-1014, 1019-1020, *Ion* 595-601, 633-647.

(422-423). Numa indiferença que não é só anímica, mas também verbal, Taltíbio amesquinha, talvez por pura leviandade, a condição, que chega ao fim, de “uma mulher séria”, agora rebaixada a serva de uma desconhecida a quem o destino preservou o estatuto.

Se Taltíbio encarnou em Cassandra o modelo da mulher indesejável, a princesa pode agora retribuir-lhe com condenação equivalente. Pegando-lhe, com a mesma ironia, na palavra (δεινὸς ὁ λάτρις, 424), Cassandra define, com desprezo, este exemplar de uma raça maldita, a dos arautos (424-426)¹¹: “Porque usam eles o nome de arautos, essa raça maldita, única em toda a Humanidade, dos agentes dos tiranos e das cidades?”. Subserviência, mesquinhez, amoralidade, estão contidas nesta pergunta condenatória e também ela impiedosa no exagero da generalização. Antes de, como no passado Políxena, na defesa da sua dignidade aristocrática, Cassandra apressar, voluntariamente, o cumprimento do seu destino (445): “Despachate, quero unir-me ao meu noivo no Hades”. Não a move o pensamento límpido de escapar, em nome da liberdade, a uma grilheta incompatível com a sua εὐγένεια – era esse o grande móbil de Políxena ao aceitar, de livre vontade, o seu sacrifício -, mas a vingança merecida por quem atenta contra a sua condição de virgem devotada a Apolo. Há portanto mais um paralelo implícito com *Hécuba*, que deixa patente um azedume mais cruel na peça que Eurípides intitulou *Troianas*.

Por fim, consideremos ainda que a intervenção de Taltíbio nesta peça não se resume a uma só entrada, mas a vindas repetidas, fazendo dele o porta-voz de cada uma das atrocidades que sucessivamente se vão somando. Depois de distribuídas as cativas, num momento que parece atingir um limite de sofrimento, afinal outras novidades se preparam ainda, em grau de crueldade superlativo. Não se ilude Hécuba, ao ver aproximar-se de novo o mensageiro (ἄγγελον, 708, ἀγγελῶ, ἀγγέλματα, 710-711 – a que também ela aplica o despiciendo qualificativo de “lacaio dos Gregos” (λάτρις, 707): novidades virão, sem dúvida dolorosas. Das sucessivas entradas de Taltíbio, Eurípides faz também um poliedro de sentimentos e disposições. O mesmo homem que antes se mostrava irónico e indiferente, seguro da missão que o empenhava, é agora o porta-voz hesitante de notícias, certamente

¹¹ Parece-me artificial o argumento de Dyson e Lee 2000: 154 de que esta reprovação se dirige mais à classe dos arautos do que ao próprio Taltíbio. Não faria sentido justificar essa observação desfavorável como simplesmente genérica, se Cassandra não abrir uma excepção explícita para o caso do seu interlocutor; e isso de facto não acontece.

intransmissíveis na sua atrocidade. Teme a animosidade de Andrómaca (711), porque nesta sua segunda vinda é a ela que particularmente se dirige; escuda-se em ordens, sacudindo com ênfase a responsabilidade para outros (710-711); escolhe as palavras, que não lhe saem com a facilidade conhecida (713). Talvez quando se trata de condenar à morte uma criança – porque Astíanax, o filho de Heitor e herdeiro da cidade, não escapou à fúria bestial dos vencedores – o escândalo seja tal, que mesmo um arauto frio se inibe de o pronunciar. Andrómaca não suspeita do teor da decisão que lhe ameaça o filho; cada uma das suposições que adianta, perante o retardamento do arauto em confessá-la – será que a criança não vai acompanhar a mãe no degredo, 714; será que vai ficar para trás, em Tróia, 716 – deixa Taltíbio cada vez mais enleado para falar (717) e visível o excesso impensável de crueldade que a decisão verdadeira comporta. Em toda a sua violência, o homicídio de Astíanax tem uma autoria; o nome de Ulisses aparece repetido (721, 723, 725) como o proponente, responsável por tal decisão; Eurípides coloca uma vez mais sobre o rei de Ítaca o odioso das propostas mais atrozes que se ouviram no acampamento aqueu, agravadas com a capacidade de persuasão que nele se tornou um vício, e o fez capaz de persuadir qualquer auditório da legitimidade dos actos mais reprováveis.

Mas se, nos bastidores, foi Ulisses quem usou de persuasão para legitimar uma atrocidade, Taltíbio, apesar das reservas anteriores, colabora no momento com o conselho de que a ‘sensatez’ (σοφωτέρα, 726) recomenda aceitar, que é “nobre” (εὐγενῶς, 727) não resistir. Estes são conselhos que parecem rodear a decisão de um sacrifício, que em Eurípides se transformou em ‘voluntário’. Porque afinal é do sacrifício de uma vítima inocente e pura que se trata, da mais pura e inocente das vítimas, uma criança indefesa, que só tem por pecado capital o de ser filho e herdeiro de um pai valente e superior, para a mesquinhez dos Gregos uma ameaça. Os argumentos com que Taltíbio recomenda essa dádiva suprema da vida – não perante a criança sem voz nem vontade, mas perante a mãe que por ela é chamada a tomar uma decisão – são, ao contrário do habitual, a fraqueza e a escravidão (728-734), a negação de todos os valores que a própria condição de escrava traz consigo: Andrómaca é fraca e indefesa, não conta com amigos nem defensores, deve sensatamente submeter-se. Eurípides está a fazer a desmontagem da cena grandiosa do sacrifício humano voluntário, através de um porta-voz negativo, um humilde mas cruel arauto, incapaz de perceber a verdadeira *arete*. O seu código de comportamento é simplesmente pragmático e amoral. Para ele dignidade é não resistir aos mais fortes

(732-733), sensatez submeter-se a todas as atrocidades. Com a anuência, Andrômaca afastará, do sacrifício iminente, a maldição (734) e poderá, dessa forma, merecer até a generosidade do vencedor (735-739) que lhe permita sepultar o filho. A viúva de Heitor anui, por fim – que outra solução lhe resta? -, mas com razões mais elevadas: se essa é a vontade de Zeus, como se poderá contrariar? (774-779)¹².

Esta segunda etapa na intervenção de Taltíbio, a que, com a eliminação de Astíanax, liquida qualquer futuro para Tróia, desfecha, como no momento anterior do dismantelar do grupo de cativas, em acção. É preciso, sem demora, concretizar a ordem. E aí temos de novo Taltíbio, no papel de executor, a associar à crueldade do acto a grosseria de uma alma embotada¹³. À criança inocente e demasiado imatura para sequer se dar conta do que se passa, ele vai notificando do seu destino – ser lançada para a morte das muralhas de Tróia (782-786). Não sem que, mesmo assim, um vislumbre quase intuitivo de rejeição, que não de verdadeira piedade, a natureza pareça ditar-lhe (786-788): “Para executar tais ordens, seria preciso um arauto (κηρυκεύειν, 787) sem piedade e mais dado à desvergonha do que o meu coração me consente”. Com estas palavras, Taltíbio faz-se de certa forma eco da reprovação que Cassandra antes tinha dirigido contra a raça dos arautos, estafetas odiosos dos tiranos e das suas iniquidades; mesmo assim, o próprio reconhece que dentro do modelo há graus de maior ou menor impiedade, tal como o próprio poeta ensaia representar na criação dos seus dois modelos de Taltíbio.

A acção da peça reserva-lhe uma terceira entrada, na sequência destes acontecimentos; depois de consumada a morte de Astíanax, ei-lo que regressa com o cadáver, para que Hécuba lhe possa prestar uma última homenagem. Taltíbio parece cada vez mais contagiado do ritmo alucinante dos acontecimentos. A hora do regresso está iminente, quase todos os

¹² O argumento de Taltíbio parece, por isso, não colher grande credibilidade por parte de Andrômaca. Dyson, Lee 2000: 159-161 valorizam a ideia de que a possibilidade de dar a Astíanax sepultura não faz parte da decisão tomada pelos Gregos que leva à sua condenação. De resto, obter o direito dessa sepultura depende de um pedido de Andrômaca a Neoptólemo, e portanto não está previsto desde o início. Será, portanto, um argumento encontrado pelo próprio arauto para persuadir a mãe. E se assim é, porquê? Para dar a Andrômaca alguma consolação na sua cedência? Para abreviar e ultrapassar as dificuldades da missão? Eu advogaria sobretudo esta última hipótese.

¹³ O que contribui para fazer das suas palavras de alguma generosidade para com Andrômaca uma verdadeira falácia.

navios iniciaram já as manobras para a partida. Por isso o que domina na sua intervenção é a urgência (1129-1130, 1145, 1149, 1154). Mas a par dela, parece que um mimetismo com os seus senhores persiste em controlar as suas atitudes; agora que um escrúpulo ditado pelo terror impede, por exemplo, Neoptólemo de levar consigo, entre os despojos, o escudo de Heitor (1136-1138), ou o faz ceder aos rogos de Andrómaca para que o filho seja sepultado (1133-1135)¹⁴, do mesmo modo no arauto surgem vislumbres de condescendência; à angústia de Andrómaca, na hora da partida, que demoveu o filho de Aquiles, Taltíbio correspondeu com algumas lágrimas de comoção (1130-1133) perante a dor de uma viúva e mãe enlutada. E ao sepultamento autorizado pelo novo senhor de Andrómaca, também o arauto trouxe o seu contributo, lavando no rio as feridas de um corpo trucidado para poupar a família à imagem de tão cruel destruição e empenhando-se em lhe cavar a cova (1150-1153). De novo a eficácia vem trazer uma nota suplementar de crueldade à dor a que se assiste; Taltíbio não se deixa inibir pelo sentimento, mesmo quando derrama algumas lágrimas de comiseração; o empenho em cumprir ordens é sempre mais forte, a subserviência à autoridade o que sempre move um espírito subalterno, agravada agora pelo desejo, que a todos mobiliza, de voltar para casa.

Taltíbio terá ainda uma última entrada, como que pautando o ritmo dos acontecimentos. Desta vez virá para reduzir a cinzas toda a cidade, passando a ordem de que Tróia pereça num incêndio (1260-1264). A cada uma das mortes que se vão somando, sobrepõe-se agora o genocídio total. É neste contexto que Taltíbio pronuncia uma palavra ‘de alegria’ (1264), porque já bem próxima vem a hora do regresso; é, em certa medida, compreensível o júbilo dos que por uma década combateram às portas de Tróia e vêem chegada a hora da partida. Com uma palavra de simpatia, Taltíbio encaminha Hécuba, como o remate de um cataclismo pessoal, para o seu novo senhor, Ulisses (1269-1271) e procura evitar – retornando ao tópico da ameaça de incêndio – a imolação simbólica da rainha nas chamas que já devoram Tróia. A preocupação de evitar que algo falhe na distribuição decretada das cativas é a mesma, neste momento agravada porque é real o desejo de morte que dita o impulso de Hécuba (1284-1286).

¹⁴ Dyson, Lee 2000: 164 registam este comportamento de Neoptólemo como uma primeira alteração nas atitudes até agora tomadas pelos chefes gregos. Na verdade, talvez o medo que a dita – que não a piedade – contribua para deixar implícito que está chegado o momento de a sorte mudar e preparar aos vencedores de agora reverses terríveis.

Todos os que assistimos à imensa dor do pós-guerra recusamos a alegria como um sentimento possível em tal negrume. Lembrados talvez, ao contrário de Taltíbio e daqueles a cuja alegria ele dá voz, de que falta ainda cumprir, com êxito, a rota de regresso e de facto ver de novo, ‘com alegria’, o lar e a cidade que há muito se deixou.

Bibliografia

- Adkins, A. W. H. (1966), “Basic Greek Values in Euripides’ *Hecuba* and *Hercules*”, *CQ* 16. 2: 193-219.
- Bailly, A. (s. d.), *Dictionnaire Grec-Français*. Paris.
- Dyson, M., Lee, K. H. (2000), “Talthybius in Euripides’ *Troades*”, *GRBS* 41. 2: 141-173.
- Donzelli, G. Basta (2001), “Odisseo nell’*Ecuba*’ di Euripide”, *Lexis* 19: 185-197.
- Gilmartin, K. (1970), “Talthybius in the *Trojan Women*”, *AJPh* 91: 213-222.
- Michelini, A. (1987), *Euripides and the tragic tradition*. Wisconsin.
- Segal, C. (1990), “Violence and the other: Greek, female and barbarian in Euripides’ *Hecuba*”, *TAPhA* 120: 109-131.
- Sullivan, J. J. (2007), “The Agency of the Herald Talthybius in Euripides’ *Trojan Women*”, *Mnemosyne* 60. 3: 472-477.